

Expo Milão 2015

Pavilhão da Áustria, um estudo de caso.

Programa de pós-graduação FAU USP

Disciplina: AUP 5827 - O projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura

Professor: Francisco Spadoni

Autor: Carmela Medero Rocha

Resumo:

Esse artigo busca problematizar o papel da arquitetura de pavilhões em grandes eventos internacionais, tal como a Exposição Mundial¹ ocorrida em 2015, em Milão, na Itália, através da análise do pavilhão nacional da Áustria.

Abstract:

This article problematizes the architecture role in international events such as the world exposition that took place in Milan, Italy, in 2015 through the analyses of the Austrian national pavilion.

¹ No decorrer da história, o evento foi chamado de exposição universal, mundial ou mesmo feira universal. Para este trabalho adotou-se a nomenclatura de exposição mundial.

Introdução

Em uma sociedade em que a cultura se apresenta como uma das principais mercadorias² e a arquitetura, por consequência, uma das principais ferramentas para a criação de valor e materialização das lógicas dominantes, olhar para a arquitetura de pavilhões expositivos em um evento como a Expo 2015³ se faz necessário para uma maior apreensão acerca do papel que a disciplina cumpre na atualidade. Porém, para além da identificação de tais lógicas, a busca deste artigo é identificar, através da análise da arquitetura de um pavilhão nacional, a relação existente entre a produção arquitetônica predominante e as diferentes linhas de pensamento teórico coetâneos. Será feita uma análise do pavilhão da Áustria na Expo 2015, projeto de *Team.breathe.austria*⁴. Se de alguma forma, a arquitetura encontra nesses eventos um importante papel como disseminador de lógica capitalista, também encontra espaço para a experimentação e investigação.

As Exposições Mundiais, surgem no século XIX⁵, conforme nos demonstra a historiadora Sandra Pesavento, em meio a necessidade de expansão do ethos moderno burguês e sob o ideal positivista “em nome do progresso e da concórdia entre os povos”⁶ (PESAVENTO, 1997, p.13). Eram locais de troca de conhecimento e tecnologias e apresentavam os principais feitos científicos, tecnológicos e artísticos de cada época. A arquitetura (e a engenharia), tinham um importante papel para divulgação deste progresso: a exemplo, o Palácio de Cristal, projeto de Joseph Paxton, construído em 1851 para a primeira “Grande exposição dos trabalhos e da indústria de todas as nações”⁷, em Londres ou a Torre Eiffel, projeto de Gustave Eiffel, construída para exposição de 1889, em Paris, transformaram-se rapidamente em ícones da modernidade.

No decorrer do século XX até a atualidade, essas exposições tiveram uma importância na divulgação e experimentação no campo da arquitetura. Historicamente, deixaram legados às cidades que as sediaram

² Segundo Lipovetsky, e Serroy, o capitalismo atual “se volta cada vez mais para o que em grande parte até então lhe escapava, ou seja a cultura”. E complementa: “Depois do capitalismo industrial, impõe-se um capitalismo cultural, transformando áreas inteiras da vida em experiências marcantilizadas”. (LIPOVETSKY e SERROY, 2008, p. 111)

³ Nesse trabalho para se referir a exposição mundial atual, será adotada a nomenclatura Expo 2015 em referência ao título desta edição, *Expo Milano 2015: Nutrire il pianeta, Energia per la vita*.

⁴ Os autores do projeto são: Terrain: landscape urbanism BDA, Univ.Prof. Klaus K. Loenhart em cooperação com Agency in Biosphere, Markus Jeschaunig; Hohensinn Architektur, Karlheinz Boiger; TU Graz Institute for Architecture and Landscape/ LandLab, Andreas Goritschnig und Bernhard König; e Lendlabor, Graz, Anna Resch und Lisa Maria Enzenhofer.

⁵ As feiras de troca existiam na Europa desde o século XVII, porém a exposição de 1851 em Londres, foi a primeira denominada Exposição Universal em função caráter internacional.

⁶ “O Mundo pois se mobilizava para um encontro universal em nome do progresso e da concórdia entre os povos, da instrução e do divertimento, das trocas comerciais e da exibição das novidades, etc., etc. A exposição era para todos, desde a refinada França ao exótico do Brasil. Seu chamamento tinha um apelo de canto de sereia, tanto no sentido de que ela tinha algo para oferecer a cada um, quanto no sentido do engodo, da sedução, do jogo das aparências e do ocultamento.” (PESAVENTO, 1997, p.13)

⁷ Em referência ao nome original da Exposição de 1851 em Londres: *Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations*.

através da criação de ícones da arquitetura⁸, da revitalização de áreas degradadas e da melhoria da infraestrutura urbana⁹. Também, suas arquiteturas influenciaram o desenvolvimento da disciplina, contribuindo para criação de novos paradigmas formais, programáticos e tecnológicos, através da possibilidade de experimentação arquitetônica.

Essas arquiteturas poderiam, talvez, ser considerados como cristalizadores da evolução da disciplina, isto é, uma síntese de momentos históricos e sua relação com a arquitetura no formato de pequenos ensaios construídos.

Atualmente, o evento é gerenciado pelo *Bureau International des Expositions* (BIE), organização intergovernamental e ocorre a cada cinco anos em uma cidade diferente eleita por votação entre os países membros. No decorrer da história, o formato de implantação dessas exposições se alteraram, porém desde o início do século XX a estrutura se mantém similar com a presença de pavilhões nacionais, pavilhões de empresas e pavilhões temáticos que respondem, a cada edição, a uma proposta temática. Em 2015, o tema escolhido para o evento foi “Alimentando o planeta: energia para vida”.

Nesta última edição em 2015 em Milão, reuniram-se 148 participantes oficiais, entre pavilhões nacionais e institucionais e circularam aproximadamente 21,5 milhões de pessoas¹⁰.

⁸ Destaca-se alguns mais conhecidos que tronaram-se o cartão postal e ajudaram a criar a imagem das cidades sede: Palácio de Cristal (Londres, 1851) de Joseph Paxton, a torre Eiffel (Paris, 1889), Atomium (Bruxelas, 1958), Pavilhão Biosfera (Montreal, 1967), Pavilhão de Barcelona de Mies Van der Rohe (Barcelona, 1929 - demolido após a exposição e reconstruído na década de 1980) entre outros.

⁹ Destaca-se: Parque Sempione (Milão, 1902), Orla de Sevilha (Sevilha, 1992), Parc de la Ciutadella (Barcelona, 1888) entre outros.

¹⁰ Dados recolhidos pelo autor junto a organização do evento.



Fig. 01 - Planta de implantação geral da Expo 2015. Disponível em <http://www.expo2015.org/>. Acessada em 15/11/2015



Fig. 02 - Escultura *Il popolo del Cibo* de Oscar Dante Ferretti posicionada na entrada da Expo 2015. Foto da autora.

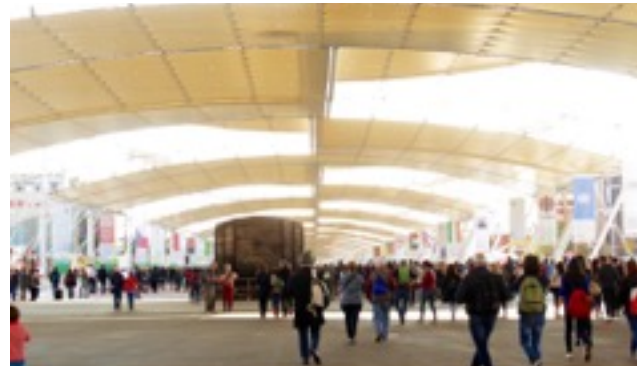


Fig. 03 - Vista do Decumano - Acesso principal aos pavilhões. Foto da autora.



Fig. 04 - Croquis dos pavilhões da Expo 2015. Disponível em <http://www.expo2015.org/>. Acessada em 21/11/2015

Pavilhões expositivos

Os pavilhões datam da antiguidade e foram modificando suas características no decorrer da história. Etimologicamente a palavra pavilhão (*pavillon* do francês), segundo Beatriz Colomina e Andreas Ruby¹¹ tem sua origem na palavra *papillion* do latim, que significa borboleta e, no latim tardio, tenda (que se estica como borboleta ao pousar). Sua origem, ressaltada pela autora Ana Carolina Tonetti (TONETTI, 2013, p.26) foram os abrigos desmontáveis e transportáveis - tendas militares que eram utilizadas nas investidas militares durante a antiguidade. Já no século XVII eram associados aos “quiosques de Jardim” chineses e a seguir a “ala anexa” dos castelos ingleses do século XVIII. A partir do século XIX passam a ter características mais próximas às que hoje identificamos, como “edifícios principais” normalmente temporários associados ou às grandes exposições (feiras e entretenimento) ou a “galerias” expositivas ou obras de arquitetura temporárias, à exemplo dos pavilhões propostos pelo programa anual da Serpentine Gallery¹² e das Bienais de arte e arquitetura.

Historicamente podemos identificar, portanto, a prevalência de características tais como temporariedade e transitoriedade neste tipo de edificação, assim como a indeterminação de programa que muitas vezes se mostra esvaziado de funções claras e recorrentes. Esta última característica torna difícil classificar esse tipo de arquitetura dentro de uma tipologia específica na história da arquitetura.

Tal fato permitiu que, historicamente, essas edificações se tornassem um importante espaço de investigação arquitetônica no que tange a materialidade, tecnologia, forma e mesmo exploração de novos usos e funções podendo-se “afirmar, apesar destas transformações de uso, que são reconhecidos por possuírem uma lógica interna própria com condições de encomenda e concepção que pressupõe uma arquitetura singular com utilidade questionável e forte carga simbólica.” (TONETTI, 2013, p.28)

Fazer uma análise crítica de pavilhões expositivos permite que a cada edificação sejam recriadas as ferramentas de análise e se façam novas relações entre diferentes linhas de pensamento.

Uma segunda característica que deve ser levada em consideração é o papel central que a arquitetura tem na construção da imagem de país, reiterando sua característica iconográfica e simbólica fortemente presente nos pavilhões das exposições mundiais. Essas características, que atualmente parecem prevalecer dentro a produção arquitetônica, acabam por tornarem-se referência ao grande público, uma vez que são frequentemente comunicadas tanto na mídia especializada quanto da mídia “comum”.

Na Expo 2015, pôde-se identificar uma diversidade de linguagens arquitetônicas dentre os pavilhões construídos, que, mesmo sob uma lógica assumidamente comercial, relacionam-se com distintas agendas presentes na teoria da arquitetura atual. Interessa saber, para além do discurso homogeneizante da “arquitetura da imagem globalizada que reivindica o território da economia do mercado globalizado”¹³

¹¹ Op. cit. Philips, Andrea, Pavilion Politics. in: LOG magazine, fall 2010, p.

¹² A galeria inglesa Serpentine desenvolve um programa de pavilhões temporários em que a cada ano convida um arquiteto para que projete e execute um pavilhão que reflita seu modo de pensar arquitetura. Para maior aprofundamento no programa, ver JODIDIO, Philip. *Serpentine Gallery Pavilions 2000–2011*. Köln: Taschen-Verlag, 2011; e consultar www.serpentine.org

¹³ Pallasmaa aborda a questão da arquitetura globalizada referindo-se aos arquitetos que “franqueiam” os mesmos tipos de construção em qualquer local do globo em busca de marcar sua assinatura. (Pallasmaa, 2013, pag. 20)

presente nas exposições, a existência ou não de um pensamento arquitetônico crítico em algumas dessas edificações e a busca de algum contraponto a ser absorvido pelas teorias coetâneas.

Dentre os pavilhões nacionais, elegeu-se para a análise, nesse artigo, o pavilhão da Áustria projetado pelo *Team.breathe.austria*, por mostrar-se como uma tentativa de criação deste contraponto: os arquitetos parecem ter aproveitado a oportunidade para expressar suas idéias no que se refere ao futuro da arquitetura e do urbanismo e desenvolver um pavilhão-protótipo passível de ser replicado mundialmente. Pôde-se reconhecer nessa arquitetura, referências a diferentes teorias vigentes no campo da arquitetura.



Fig. 05 e 06 - Vista externa do pavilhão e vista interna da rampa de saída por entre o bosque plantado. Foto da autora.

O Pavilhão da Austria

O escritório *Team.breathe.austria* foi criado especificamente para o desenvolvimento do projeto do pavilhão da Áustria por um grupo transdisciplinar de arquitetos, paisagistas, urbanistas, engenheiros e físicos¹⁴. O pavilhão apresenta ao visitante uma experiência diversa da maioria dos outros presentes no evento ao se propor como um espaço de encontro e decompressão, em que o próprio pavilhão se transforma em conteúdo expositivo. Diferentemente de outros pavilhões nacionais, que em sua grande maioria apresentam-se como um invólucro que recebe internamente uma exposição desconectada da arquitetura externa, como uma suporte para os conteúdos, esse pavilhão se comunica com o público através da arquitetura.

O conceito do projeto parte da idéia de usar o processo de “*design* para criação de maior conforto aos seres humanos”¹⁵. Com base na segunda frase do tema geral da Expo 2015 “Energia para a vida”, os arquitetos criaram o tema *Breathe* para o pavilhão, o qual condensa em si o conceito que o edifício busca representar.

¹² Os autores do projeto são: Terrain: landscape urbanism BDA, Univ.Prof. Klaus K. Loenhardt em cooperação com Agency in Biosphere, Markus Jeschaunig; Hohensinn Architektur, Karlheinz Boiger; TU Graz Institute for Architecture and Landscape/ LandLab, Andreas Goritschnig und Bernhard König; e Lendlabor, Graz, Anna Resch und Lisa Maria Enzenhofer.

¹⁵ Este conceito foi apresentado pela equipe do projeto no evento *Climateur Symposium* organizado por *Institute for Architecture and Landscape of the Technical University of Graz* que ocorreu em outubro 2015, no pavilhão.

A edificação foi pensada como uma exposição em si mesma: um sistema criado que busca reduzir a temperatura do ambiente e melhorar a qualidade do ar, gerando maior conforto térmico para seus visitantes para, conforme salientado pelos autores¹⁶, tornar-se um local de encontro e “interação social”.

Externamente, o pavilhão se apresenta como um bloco monolítico de aproximadamente 65 metros por 12 metros que se revela somente conforme o visitante se aproxima, quase como uma oposição: a natureza se coloca dentro e controlada em oposição ao edifício monolítico e sóbrio que se vê da área externa. O ritmo marcado pela estrutura regular vista de seu exterior, internamente se transforma em um bosque feito com espécies nativas da Áustria, organizado em um espaço único, entrecortado por caminhos e morros de terra por onde o visitante é convidado a caminhar.

A relação de apreensão do edifício se dá paulatinamente: conforme o visitante se aproxima, a sensação térmica e a umidade do ar começam a se modificar. Uma vez dentro, um *promenade* por entre a floresta circunscrita recria a sensação de passeio no bosque ao mesmo tempo que encaminha o visitante por um percurso claro: um fluxo único circular que inicia-se no térreo, subindo pela rampa de acesso até o primeiro pavimento e que encaminha para o bar, posicionado ao fundo e final do percurso. No decorrer desse percurso, o visitante passa por pequenas intervenções tais como textos e desenhos explicativos sobre o sistema de resfriamento, máquinas que medem o oxigênio, alguns mirantes que apresentam informações sobre as espécies ali plantadas em forma de realidade aumentada e pelo ventiladores e umidificadores de ar.

A floresta, plantada no centro do pavilhão reitera o discurso dos projetistas (e do país) acerca da necessidade de uma maior integração das nossas cidades e da arquitetura com a natureza e da importância do oxigênio para a *alimentação do planeta*. A palavra *breathe* (respirar), que dá nome ao pavilhão, aparece logo na entrada do percurso como um convite aos visitantes.



Fig. 07 - Elevação externa e corte longitudinal do pavilhão - relação exterior-interior. In: <http://breatheaustralia.at/>. Acessado em 20/11/2015

¹⁶ *idem*.

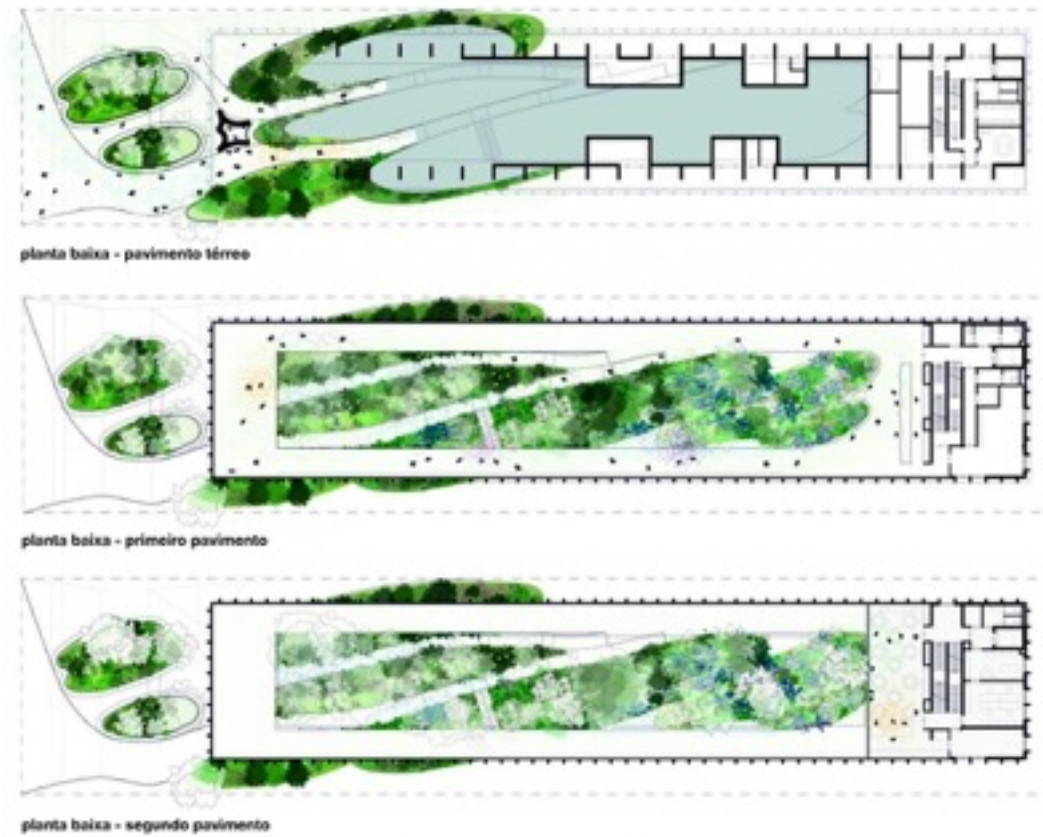


Fig. 08 - Plantas baixas do pavilhão - no térreo localiza-se o acesso principal e a área técnica do pavilhão. No segundo e terceiro pavimento, completa-se o percurso.



Fig. 09 - Vista do acesso de chegada com a palavra “breathe” que dá nome ao pavilhão. Foto da Autora.



Fig. 10 - Em meio a mata surgem frases e palavras tal qual *grow air*. Foto da Autora.



Fig. 11, 12 e 13 - Elementos interativos explicativos do pavilhão. In: <http://breatheaustria.at/>. Acessado em 20/11/2015

Experiência multissensorial

Segundo o conceito apresentado pelos projetistas, o projeto buscou criar uma experiência prazerosa ao visitante, transformando o edifício em lugar de encontro onde a luz, o som, os cheiros e a temperatura criariam a atmosfera ideal para interação humana.

Podemos propor uma análise do edifício traçando um paralelo com teorias da fenomenologia na arquitetura, no que tange os Norbert Schulz e Juhani Pallasmaa. Essa abordagem se justifica tanto pela leitura do pavilhão expositivo como uma metáfora de um retorno a um lugar - a idéia das florestas austríacas - quanto pela preocupação em pensar um protótipo que a depender da cidade seria remodelado de acordo com as características climáticas e morfológicas do lugar.

A idéia de um espaço multissensorial como forma de criação de uma boa arquitetura é levantada por Pallasmaa em seu artigo “A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura” e parece, a meu ver, uma forma de decodificar as escolhas projetuais dos arquitetos no âmbito da exposição:

“Uma experiência marcante da arquitetura sensibiliza toda nossa receptividade física e mental. É difícil apreender a estrutura do sentimento, por causa de sua imensidão e diversidade. Na experiência, descobrimos uma combinação do biológico e do cultural, do coletivo e do individual, do consciente e do inconsciente, do analítico e do emocional, do mental e do físico.” (NESBITT, 2013, p. 488)

A idéia de “criação de lugar” através da “totalidade constituída de coisas concretas que possuem substancia material, forma, textura e cor” poderia ser associada ao pavilhão uma vez da busca em torná-lo um lugar de encontro, um “espaço vivido”.¹⁷ (NESBITT, 2013, 444) Proporcionar ao visitante uma experiência perceptiva através da identificação, ou seja através de uma “relação amistosa com determinado ambiente” (NESBITT, 2013, 456) parece estar presente em todo o conceito do pavilhão que se apresenta como um local para se respirar ar puro como se estivesse em uma floresta austríaca.

A arquitetura e a natureza sendo pensadas como partes complementares e não antagônicas torna-se o *motif* do projeto, remetendo novamente a uma abordagem fenomenológica de retorno às coisas e à natureza e também a uma abordagem ética ambiental ao fazer arquitetônico. Conforme descreve Nesbitt, “O movimento da sustentabilidade apoia-se na noção fenomenológica de que uma relação com a natureza é essencial para plena realização das potencialidades humanas no planeta”(NESBITT, 2013, p. 74). Essas duas abordagens ao fazer arquitetônico parecem se encontrar e, segundo a leitura proposta nesse artigo, embasar o projeto do pavilhão.

¹⁷ “Enquanto espaço indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o caráter denota a “atmosfera” geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar. Em vez da distinção entre espaço e caráter, podemos partir de um conceito amplo, como o de espaço vivido”. NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar in: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para arquitetura (antologia teórica 1964-1995)*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naify, 2 ed. rev., 2013 - p. 449.

Materialidade, canteiro e reprodutibilidade

A equipe que desenvolveu o projeto, já em seus trabalhos anteriores, pesquisava a criação de sistemas naturais controladores do clima e do ambiente na busca de um maior conforto para os habitantes de uma determinada região. O interesse pelo clima aparece como foco principal do conceito do pavilhão em que o uso de tecnologia em conjunto com a natureza gera o que os arquitetos consideram “grande conforto com baixo impacto”¹⁸. A idéia de criar um microclima internamente ao edifício e que atinja em diferentes instâncias o entorno imediato do mesmo, mostra-se uma reflexão pertinente acerca da importância de se prestar atenção ao aquecimento global e ao impacto das construções no ambiente.

Para o pavilhão, foi criado um sistema interativo de resfriamento baseado no aumento extremo da umidade do ar em conjunto com a presença da vegetação que, de forma controlada, chegava a reduzir a temperatura interna em 6 graus celsius em relação a área externa. A forma fechada do pavilhão além de um discurso narrativo da experiência controlada ao visitante se dá por questões técnicas: para criar o microclima previsto, era necessário esse controle dado pelo limites físicos.

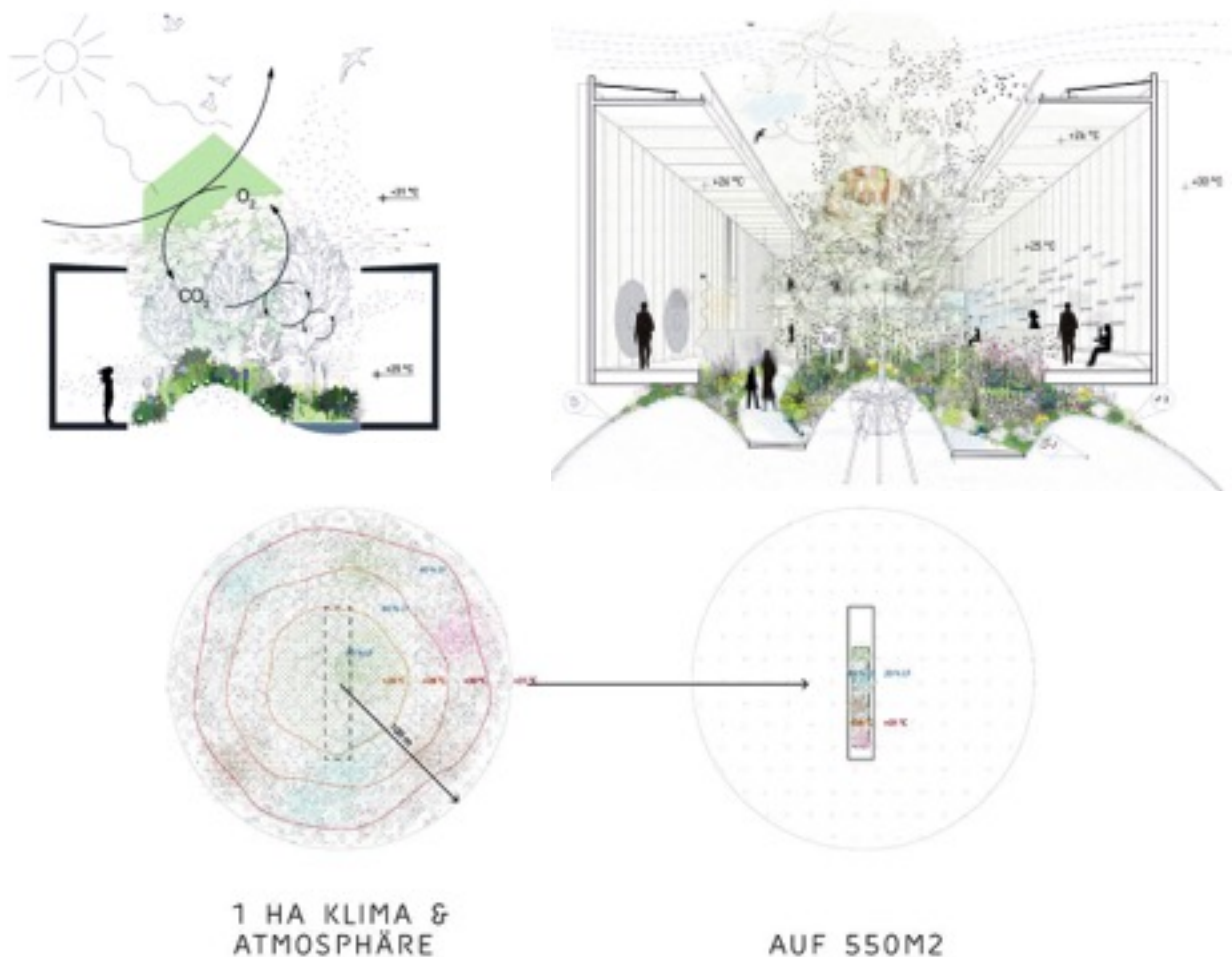


Fig. 14 - Esquemas que explicam o sistema desenvolvido de resfriamento e limpeza do ar. Cortesia dos autores.

¹⁸ Este conceito foi apresentado pela equipe do projeto durante o evento Climateur Symposium organizado por Institute for Architecture and Landscape of the Technical University of Graz que ocorreu em 16 e 17 de outubro de 2015, no Pavilhão da Áustria na Expo 2015.

Segundo o urbanista Bernhard Scharf, um dos autores do projeto do pavilhão, professor do *Institute of Soil Bioengineering and Landscape Construction* da Universidade de Viena, em conferência ministrada em outubro de 2015¹⁹, o edifício torna-se um manifesto pela “defesa de uma maior resiliência das nossas cidades em relação à natureza (ao sol, à água e ao vento)”, devendo o urbanismo ser considerando “urbanismo paisagístico”²⁰, uma vez que, em sua opinião, natureza e arquitetura devem andar juntos. O pavilhão apresenta-se, portanto como um protótipo de um edifício que poderia e deveria ser reproduzido em outros centros urbanos de forma a criar “ilhas de conforto”, visando a redução das temperaturas nas grandes cidades e o controle ambiental do super aquecimento global.²¹

Os materiais e técnicas construtivas escolhidos levaram em consideração questões relativas a eficiência energética, ao impacto ambiental e a reprodutibilidade do pavilhão. A estrutura foi feita em concreto sem ferragem, com uma modulação de 2,5m longitudinalmente e as vedações, a cobertura e o piso interno foram feitas com painéis de madeira pré-fabricados tipo CLT (*cross-laminated timber*) com uma modulação de 1,25m, tecnologia que dispensa o uso de pregos, sendo estruturado por encaixes e que tem uma alta performance quanto a inércia térmica e acústica. Os painéis, vindo da Áustria, permitiram a rápida montagem e desmontagem e uma futura reutilização do mesmo. A idéia do uso de “mono-materiais” foi importante para o conceito do projeto por permitir um menor impacto ambiental e a posteriori, o fácil descarte ou reuso.

Outro dado a ser salientado é a preocupação com a eficiência energética no edifício: o consumo de energia de toda a área de serviço do pavilhão foi pensada de maneira auto-suficiente, sendo alimentada através de placas solares dispostas em toda a cobertura. Para o pavilhão, também foi criado, sob a metáfora de um sol, uma escultura feita com placas de tecnologia de *Graetzel-cells*²², que transformam energia solar em energia elétrica através de um sistema simples de película foto-sensível e que, apesar de não ser tão difundida na construção civil, tem um custo de implementação mais econômico e factível que os painéis solares convencionais, sendo apresentado como uma opção “*low-tech*” e “*low-budget*”²³ de implementação de sistemas eficientes.

¹⁹ Conferência ministrada no evento Climateur Symposium organizado por Institute for Architecture and Landscape of the Technical University of Graz que ocorreu em 16 e 17 de outubro de 2015, no Pavilhão da Áustria na Expo 2015.

²⁰ O termo utilizado pelo autor é “landscape urbanism”. Tradução da autora.

²¹ “This architectural prototype currently enfolds an oasis of cool and fresh climate in the middle of the Expo in Milan, that in the future could be applied in architectural and urban schemes world wide.” Bernhard Scharf in: Climateur Symposium 16 e 17 de outubro de 2015, Milão.

²² Esta tecnologia foi desenvolvida e patenteada por Brian O`regan e Michael Gratzel L do Institute of Physical Chemistry, Swiss Federal Institute of Technology em 1991.

²³ Termos utilizado pelos autores do projeto durante o evento Climateur Symposium organizado por Institute for Architecture and Landscape of the Technical University of Graz em 16 e 17 de outubro de 2015, no Pavilhão da Áustria na Expo 2015.



Fig. 15 - Escultura feita com placas de *Graetzel cell* no alto do pavilhão. Foto da autora.



Fig. 16 - Placas solares na cobertura. Foto da autora.



Fig. 17 - Detalhe dos painéis de madeira "CLT". Foto da autora.



Fig. 18 - Estrutura em concreto e vedação e painéis de madeira "CLT". Foto da autora.

A sustentabilidade da edificação aparece como uma dos principais buscas do projeto, apesar de sua temporalidade e transitoriedade. O pavilhão chegou a ser premiado pela organização da Expo 2015 como o mais sustentável do evento. Esta preocupação quanto ao impacto da arquitetura no meio ambiente que começa a ganhar força a partir dos anos 1970 dentre os arquitetos e urbanistas como uma agenda a ser enfrentada, torna-se, nesse pavilhão, o conteúdo principal expositivo.

O *motif* do projeto faz eco ao primeiro princípio de *Hannover* escrito por William McDonough e apresentado na ECO-92 no Rio de Janeiro, em que diz que devemos “ insistir no direito da humanidade e da natureza de coexistir em condições sustentáveis, diversas, saudáveis e de ajuda mútua”²⁴. O pavilhão da Áustria também se mostra como uma resposta às questões levantadas por Mohsen Mostafavi na introdução do livro *Urbanismo Ecológico*²⁵ em que o autor coloca a seguinte pergunta quanto ao acelerado crescimento urbano e à exploração dos recursos naturais do mundo: “O que podemos fazer? Que recursos temos, como arquitetos e urbanistas para lidar com essa realidade?”²⁶ (MOSTAFAVI, 2014, p.12)

²⁴ Os princípios de Hannover. William McDonough Architects. in: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para arquitetura (antologia teórica 1964-1995)*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naify, 2 ed. rev., 2013. pag. 439.

²⁵ O livro apresenta um compilado de projetos urbanos que abordam a questão ambiental como foco de pesquisa e preocupação no campo da arquitetura e urbanismo.

²⁶ “A população do mundo continua a crescer, acarretando uma constante migração das áreas rurais para as urbanas. Um número cada vez maior de pessoas e de cidades significa uma maior exploração dos recursos limitados do mundo. A cada ano, mais e mais cidades estão sentindo o impactos devastadores dessa situação. O que podemos fazer? Que recursos temos, como arquitetos e urbanistas para lidar com essa realidade?” (MOSTAFAVI, 2014, p.12)

Relações possíveis

Ao analisar o partido e a intenção projetual do pavilhão da Áustria, podemos identificar paralelos com outras obras de pavilhões ou mesmo com a história da arquitetura. A idéia de um jardim circunscrito, como local de encontro apresenta-se recorrente desde a arquitetura grega e romana, tendo suas casas, pátios internos como áreas de estar. Esses pátios internos que durante a idade média com o cristianismo, ressurgem sob o nome de *Hortus conclusus* tornam-se característicos como local de encontro durante o período e atravessam a história da arquitetura.

O conceito do *Hortus conclusus* - ou o jardim fechado-, também ressurgem em outro pavilhão contemporâneo, além do da Áustria na Expo 2015, que também o utiliza como conceito principal: o pavilhão de Peter Zumthor feito para a *Serpentine Gallery* em 2011. Cabe uma comparação e reflexão acerca dessa recorrência.

Nos dois pavilhões o partido de um volume fechado com uma jardim interno reaparecem como crítica ou como reflexão acerca do papel da arquitetura.

Por um lado, Zumthor, ao explicar o conceito do pavilhão, defende-o como um local de contemplação para que as pessoas “voltem a conversar”²⁷; por outro, o *Team.breath austria* compreende que, gerando um local agradável, onde natureza e arquitetura coexistam, esse poderá se tornar um local de encontro e sociabilização. Apesar da experiência buscada mostrar-se similar nos dois pavilhões, evocando “um retorno ao lugar”, uma diferença importante cabe ser salientada. No pavilhão de Zumthor a arquitetura torna-se uma invólucro para receber o jardim, que, segundo o autor, foi feito com total autonomia de criação em relação ao invólucro pelo paisagista Piet Oudolf, afirmando que só o viu após pronto. Zumthor, ao comentar o projeto²⁸, diz ter optado por retirar o protagonismo da arquitetura, colocando o jardim como o principal, com as pessoas a sua volta. Diferentemente, no pavilhão da Áustria, arquitetura e paisagismo tornam-se um só, entendendo-os como um sistema único em que a natureza deve fazer parte da arquitetura, e os visitantes circulam por entre o jardim. Mas ambos, de alguma forma, reverenciam à natureza como modo de reconexão entre as pessoas. Nessa comparação, também é possível identificar uma tipologia recorrente na história da arquitetura - o conceito do *hortus conclusus* ou a casa pátio.

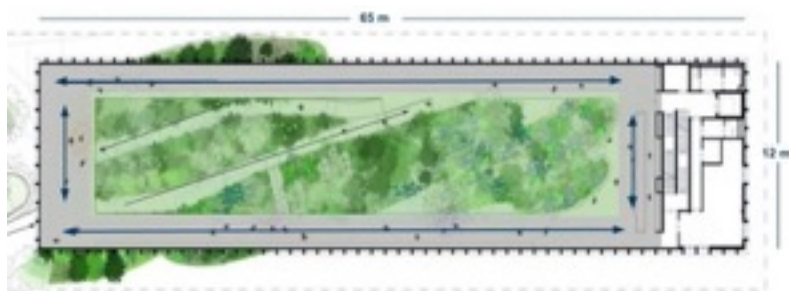


Fig. 19 - Diagrama circulação e ocupação - Pavilhão Áustria Expo 2015

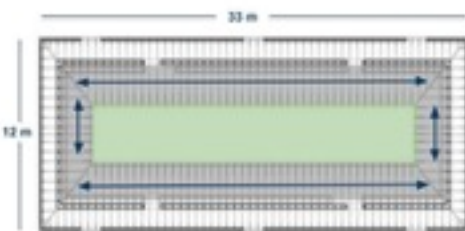


Fig. 20 - Diagrama circulação e ocupação - Pavilhão Peter Zumthor - Serpentine Gallery 2011

²⁷ “ Zumthor said his design aimed 'to help its audience take the time to relax, to observe and then, perhaps, start to talk again - maybe not.'” Tradução nossa. in: <http://www.serpentinegalleries.org/exhibitions-events/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor>. Acessado em 05.08.2016

²⁸ Em entrevista concedida ao site Dezeen. In: https://www.youtube.com/watch?v=B_pMfB_5nDo. Acesso em 05/08/2016

Uma segunda comparação, a outro pavilhão expositivo, se faz possível ao analisarmos os dois pavilhões citados. Também em 2015, o pavilhão da Áustria na Bienal de Arte de Veneza, apresentou uma instalação que dialogava com o pavilhão da Expo 2015. O artista Heimo Zobernig, comissionado para o pavilhão, questiona qual a contribuição significativa de uma exposição que a Bienal poderia dar em uma ambiente baseado na competição entre estado-nações querendo chamar um mais atenção que o outro?²⁹ A resposta, ao que me parece, encontra eco nas reflexões do time *Team.breathe.austria* e de Zumthor ao propor a criação de lugares de reflexão. Na Bienal, o artista propôs uma intervenção no edifício existente transformando-o em um espaço abstrato com linhas modernas, desvinculando-o de qualquer figura clássica pré-existente e transformando-o em um espaço contemplativo onde um jardim criado pelo artista, tornava-se o ponto focal da intervenção ao ser enquadrado ao fundo do pavilhão.

Esses três projetos parecem, cada um ao seu modo, estar questionando os papéis da arte e da arquitetura e aproveitando este formato, o pavilhão expositivo, como ferramenta crítica ou mesmo como protótipo para uma possível resposta ao fazer arquitetônico e artístico.

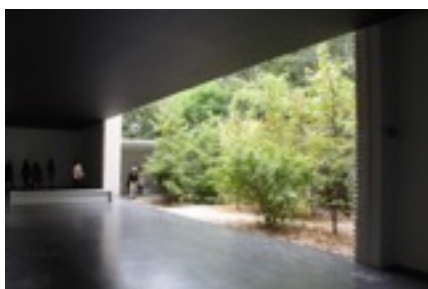


Fig. 21 - Pavilhão Austria Bienal de Veneza 2015. Foto da autora



Fig. 22 - Pavilhão Peter Zumthor Serpentine Gallery 2011 in: www.serpentinegallery.org



Fig. 23 - Pavilhão da Áustria Expo 2015. Foto da Autora

Uma agenda para a arquitetura?

A descrição do pavilhão da Áustria feita nesse artigo, provoca, primeiramente, um questionamento referente a importância que a arquitetura tem em uma evento como a Expo 2015 na criação do discurso e imagem de país. Porém coloca também uma segunda camada em questão: investigações no campo da arquitetura tal qual a proposta pelo *Team.breathe.austria* são pertinentes e importantes ao desenvolvimento da disciplina e se mostram essenciais como reflexão. Serão as exposições mundiais ainda um canal de contato e de possibilidades investigativas?

O que se apresenta nesse quadro é, talvez, uma arquitetura que dialoga com diferentes públicos em diferentes camadas de inteligibilidade. Apresenta-se como mais uma atração em meio a muitas presentes no evento, ou como um local para relaxamento e descanso ou como a representação (estereotipada) da Áustria ou como um local de aprendizagem e reflexão sobre questões pertinentes ao desenvolvimento urbano. Inclui diversas

²⁹ How can a meaningful contribution be made in an environment based on nation-state representations and in which each voice competes for the most attention? in: <http://www.austrianpavilion.at/exhibition.html>

camadas de leitura ao mesmo tempo que é um protótipo arquitetônico que dialoga com diferentes disciplinas investigativas no que se refere à pesquisa sobre o superaquecimento global.

Dentre tantas contradições existentes em um grande evento como a Expo 2015, que causa tamanho impacto ambiental para ser criado, dura um curto período de tempo e que contribui para a manutenção e divulgação das lógicas sócio-econômicas predominantes muitas vezes nocivas ao desenvolvimento humano, pode-se questionar a pretensão em se apresentar soluções visando a melhoria da sociedade. Seriam talvez soluções paliativas e individuais ou um olhar ingênuo acerca das possibilidades de discussão e transformação das nossas cidades?

Neste ponto, parece ser importante refletir acerca do que significa a aplicação de teorias arquitetônicas descontextualizadas de uma situação real nas cidades ou no vida cotidiana, mas transplantadas para uma evento temporário desta magnitude que por si já se apresenta como um simulacro.

Se por uma lado, identificamos uma relação entre o objeto e teorias que se relacionam à ética da disciplina tal qual a fenomenologia e a ecologia na arquitetura, por outro, esses mesmos teóricos criticam a apropriação dessas teorias em prol de uma arquitetura comercial. Pallasmaa, que, segundo esta leitura, poderia ser considerado uma referência teórica para o projeto em análise, em seu livro *A Imagem Corporificada*, alerta para a aplicação comercial de uma abordagem fenomenológica a arquitetura através de uma citação do filósofo Gaston Bachelard no livro *a Poética do Espaço*.

O controle secreto do comportamento e da vida individual por meio de imagens e recursos técnicos já ultrapassa o modo visual; o marketing multissensorial manipula experiências, sentimentos e desejos por meio de sons, sensações táteis gosto e cheiros. Na realidade hoje somos colonizados por todos os nossos sentidos. Noções como “marketing sensorial” aproveitamento do “subconsciente sensorial”, “canalização do espaço da mente” e “hipersensualidade do mercado contemporâneo” são usadas para descrever as estratégias sensoriais inovadoras de um marketing cientificamente erudito. (PALLASMAA, 2013, p.19)

Ao mesmo tempo que o projeto de um pavilhão nacional cumpre um papel comercial de venda da imagem de um país, e a arquitetura tem as principais ferramentas para a criação desta imagem, também ela tem a possibilidade de trazer novos questionamentos e paradigmas tanto para a própria disciplina quanto para as pessoas que a vivenciam.

Conforme o urbanista Bernhard Sharf, “ninguém nunca vai fazer uma revolução dentro de um shopping, mas em áreas públicas, verdes quem sabe?” Seria a Expo 2015 um grande shopping-center vendendo imagens de países acriticamente ou conseguimos encontrar nesta lógica um “oásis” de investigação e questionamento? O Pavilhão da Áustria parece apresentar uma tentativa de criação deste oásis, fugindo das formas convencionais de entretenimento e buscando apresentar novas possibilidade para o futuro das nossas cidades.

Bibliografia

- JODIDIO, Philip. “Serpentine Gallery Pavilions 2000–2011”. Köln: Taschen-Verlag, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles, SERROY, Jean, *A cultura-mundo - resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução: Maria Lúcia Machado, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- MOHSEN, Mostafavi, DOHRTY, Gareth. (org.) *Urbanismo Ecológico*. Tradução: Joana Canedo. São Paulo, Gustavo Gilli, 2014.
- MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e Crítica*. Barcelona, Gustavo Gili, 2007.
- NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para arquitetura (antologia teórica 1964-1995)*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naify, 2 ed. rev., 2013
- PALLASMAA, Juhani. *A imagem Corporificada. Imaginação e imaginário na arquitetura*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre, Bookman, 2013.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo, Hucitec Editora, 1997.
- PHILIPS Andrea, *Pavilion Politics*. In: LOG 20, New York: Anyone Corporation, Fall 2010.
- ROBINSON, Joel. *Introducing pavilions: Big worlds under little tents*. in: OPEN ARTS JOURNAL, ISSUE 2, WINTER 2013–2014.
URL:https://openartsjournal.files.wordpress.com/2013/11/oaj_issue2_introduction_final.pdf Acessado em 18/11/2015.
- TONETTI, Ana Carolina. *Interseções entre arte e arquitetura. O caso dos pavilhões*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Agnaldo Aricê. São Paulo, FAUSP, 2013.

Internet

- <http://breatheaustria.at/>. Acessado em 20/07/2016
- <http://www.bie-paris.org/site/en/>. Acessado em 21/07/2016
- <http://www.sil.si.edu/silpublications/Worlds-Fairs/index.cfm>. Acessado em 20/07/2016.
- www.serpentine.org. Acessado em 17/06/2016.
- <http://www.austrianpavilion.at/exhibition.html>. Acessado em 05.08.2016.
- https://www.youtube.com/watch?v=B_pMfB_5nDo. Acessado em 05.08.2016.